

As lágrimas amargas de Michelle Bolsonaro



Por CAIO VASCONCELLOS*

Estetização da política e melodrama: A performance política de Michelle como contraponto emocional e religioso ao estilo agressivo de Jair Bolsonaro

"O sertão é onde manda quem é mais forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!" (Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*).

1.

Na última parte de seu ensaio "*A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica*", Walter Benjamin inverte o tom deslocadamente otimista de seu diagnóstico sobre o potencial político revolucionário da experiência cultural mediada por aparatos tecnológicos, alertando para os perigos da chamada "estetização da política" gestada pelo fascismo histórico - a apoteose fascista da guerra permitiria às massas desfrutar sua própria destruição como uma experiência estética.

Transformado em denominador comum do *mainstream* político das democracias de massa, o entrelaçamento entre política e entretenimento se tornou elemento-chave para a compreensão da ascensão da direita radical contemporânea mundo afora. Em *Trump: an american serial melodrama*, Linda Williams analisa a figura do mandatário estadunidense como a personificação carismática do poder neoliberal.

Se, no início dos anos 1980, Ronald Reagan já havia mobilizado categorias do melodrama para classificar a URSS como império do mal e conceber a Guerra Fria de maneira maniqueísta, Trump aprofundaria a instrumentalização do gênero hegemônico da exploração industrial de cultura como forma de comunicação e mobilização política.

Prelúdio de sua presidência, a série *O Aprendiz* não apenas o tornou uma figura nacionalmente conhecida. Enquanto na tradição clássica vitoriana o chefe que se disfarça de trabalhador para vigiar seus funcionários se torna alguém melhor ao descobrir a dureza das condições de vida de seus empregados, Donald Trump compõe uma nova personagem na imaginação melodramática contemporânea, qual seja, o *vilão-herói*, cujas expectativas irrationais e muitas vezes inescrutáveis não são explicadas nem questionadas, mas devem ser aceitas pelo medo.

Assim, se o encantamento fetichista do entretenimento constitui um caminho profícuo para compreender a dinâmica de sedução da direita radical contemporânea, as personagens e os enredos se atualizam ao sabor das conjunturas políticas. O melodrama trumpista cristalizou um tipo de liderança fundada na virilidade e na brutalidade, mas o cenário brasileiro parece ensaiar uma inflexão significativa.

2.

Em contraste com esse modelo do vilão-herói, a figura de Michelle Bolsonaro deslinda uma nova configuração de carisma

a terra é redonda

autoritário. Sustentado pela emoção devocional e por suas dores pessoais, seu discurso pode ser capaz de reconfigurar as formas de mobilização afetiva do bolsonarismo – se o encantamento autoritário se afirmava pelo grito e pela grosseria de seu marido, agora Michelle Bolsonaro parece buscar seduzir pelas lágrimas e pela fé.

Se é certo que a misoginia é um elemento estruturante da direita radical contemporânea, o grosso de sua crítica também revela um persistente pendor masculino. A princípio, tal viés espelharia a objetividade de quem conduz o celerado trote da cavalgadura. Ora, os principais expoentes da direita radical mundo afora são homens – tal como, majoritariamente, entre os grupos progressistas –; as mulheres, por seu turno, constituem o grupo social menos afeito à dinâmica de sedução de seus discursos, bandeiras e promessas políticas.

Conquanto os atores e os enredos possam ser replicados no pleito presidencial do próximo ano, Michelle Bolsonaro dá a impressão de embaralhar as cartas do jogo. Embora as disputas – entre os aliados e, claro, dentro da família – sejam imprevisíveis e encarniçadas, seus movimentos são audaciosos e revelam potencial de forte tração eleitoral.

Na mesma semana em que dinamitou o acordo costurado por Bolsonaro e Ciro Gomes, seu nome emergiu tecnicamente empatado com Lula na projeção de segundo turno da última pesquisa Atlas-Intel – com os mesmos 47 pontos que Bolsonaro e Tarcísio, ante 49 do líder petista.

Presidenta do PL Mulher desde março de 2023, Michelle Bolsonaro desempenhou um papel relativamente ativo durante o mandato de Jair Bolsonaro. Oriunda da periferia de Ceilândia, a possível candidata foi a primeira e única esposa de um presidente da República a discursar – e o fez em Libras – durante a sua cerimônia de posse.

Além da repercussão pública de seu transe em línguas após a aprovação de André Mendonça ao STF, Michelle Bolsonaro buscou construir uma imagem – por óbvio, demagógica – de defensora dos direitos de pessoas com deficiência, com doenças raras e de conscientização sobre o autismo.

Contudo, em vez de projetar o futuro por suas movimentações de bastidores, convém trazer à cena aspectos da personagem que Michelle Bolsonaro ensaia representar. Para tanto, seu discurso na manifestação de 7 de setembro de 2025, na Avenida Paulista, reúne elementos importantes dos apelos emocionais de sua figura de liderança e do enredo de sua trama política.

Destoando do caráter espalhafatoso, abertamente belicista, e do humor chulo típicos de Jair Bolsonaro, sua oratória e seus gestuais são mais contidos, devocionais, e patentemente emocionados. Pontuando suas frases com expressões e referências religiosas, Michelle Bolsonaro pode oferecer uma roupagem mais dócil e palatável ao autoritarismo do campo bolsonarista – o trote áspero da cavalgadura a ser destronado pela melodia de uma cavalgada pretensamente mansa. Senão, vejamos.

3.

Com o louvor “Bênçãos que não têm fim” ao fundo, Michelle Bolsonaro assume o microfone no palanque vestindo uma camiseta nas formas e cores da bandeira nacional – um estilizado “ore pelo Brasil” substituía o “ordem e progresso” –, um blazer bege e um boné de um time de beisebol da Califórnia.

Antes de começar sua fala, há um breve momento para o registro de um choro mais demarcado por expressões faciais do que por lágrimas visíveis ou alterações no timbre da voz.

Em tom melosamente monocórdico, o discurso se desdobra ressaltando o momento difícil que atravessava, o tortuoso acúmulo de funções – “como mãe, esposa, presidente do PL e, antes de tudo, como amiga” –, o zelo com a alimentação de seu marido, com seu bem-estar, e o peso dilacerante de todo esse processo – “dói na pele, dói na alma sentir toda essa injustiça”.

a terra é redonda

Referindo-se à sua audiência como “meus amados”, Michelle Bolsonaro articula habilmente temas e bandeiras do bolsonarismo - a vida antes da concepção, um país sem drogas, anistia ampla, geral e irrestrita, a defesa do Estado genocida de Israel - com dramas e dores de sua vida pessoal e familiar.

Espécie de paródia do slogan feminista “o pessoal é político”, sua retórica torna a intimidade de seu lar no epicentro das batalhas políticas das quais Michelle pretende ser protagonista.

Assim, no trecho mais carregado emocionalmente: “Ali [o 5º artigo da Constituição] fala que a casa [com ênfase] é um asilo inviolável. Ali fala que ninguém vai sofrer tortura. Que ninguém vai sofrer a violação dos seus direitos. A pessoa não vai sofrer a degradação, e eu vejo todos os dias acontecer na porta da minha casa. Eu vejo policiais na outra esquina vigiando os policiais que estão vigiando a minha casa. A minha casa sendo violada. A imagem da minha família, que está na Constituição que garante a proteção, sendo violada. A minha filha de 14 anos tendo que ir para escola e todos os dias ter que abrir o carro para a polícia verificar se tem alguém escondido dentro. [frase termina em uma crescente emocional]”

A religiosidade de Michelle Bolsonaro é outro elemento fundamental. A prisão domiciliar de Bolsonaro se transsubstancia em perseguição religiosa - “eu sempre fiz culto doméstico na minha casa. (...). Eu não posso fazer um culto religioso porque ele [Alexandre de Moraes] não permitiu, e eu pedi. Libera a petição, libera os meus irmãos estarem comigo nesse momento.”.

Ao mesmo tempo, sua missão política se reveste da sacralidade de uma redenção. Insuflado pelo Messias amordaçado e, à época, de tornozeleira, o exército de homens e mulheres de bem irá concluir sua obra. Tão logo abandonem o pecado e as iniquidades, os artifícies da “ditadura judicial” - Alexandre de Moraes é citado nominalmente - experimentarão a misericórdia e o perdão divinos. Abençoadas por quem está sentado no trono dos céus, as promessas de uma pátria de homens e mulheres cristãos realizarão a verdadeira democracia de uma “dupla honra”, livrando-os do comunismo e do socialismo - o tom ora manso da cavalgada não abandona o coice e a ferradura”.

Em certo sentido, o casal Jair Messias e Michelle Bolsonaro parece representar personagens complementares de uma mesma trama melodramática. Enquanto o primeiro encarnaria o modelo trumpista do “vilão-herói” que impõe seus objetivos pelo medo e pela ameaça, suscitando ódio e se alimentando de ressentimentos; Michelle se assemelha mais à figura de uma vítima indefesa e piedosa, cujo sofrimento é capaz de lançar uma missão redentora. Quiçá pelo excesso de lágrimas e de orações, o cortejo autoritário nacional ameaça seguir o seu curso com a cavalgadura trocando o açoite pela unção - tal como sempre, a providência divina não terá misericórdia de nós.

***Caio Vasconcellos** é professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp/Marília. Autor do livro *O Moloch* do presente. Adorno e a crítica à sociologia (Alameda Editorial). [<https://amzn.to/4oB3J5h>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA